

## A FIGURAÇÃO CIBORGUE COMO CONTRAPONTO AO ESSENCIALISMO IDENTITÁRIO: O HÍBRIDO COMO ESTRATÉGIA POLÍTICA, EPISTEMOLÓGICA E IMAGINATIVA

Roberta Stubs

Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho - UNESP  
Fernando Silva Teixeira Filho  
Universidade Estadual Paulista – UNESP

### RESUMO

Diante da crescente serialização subjetiva e captura biopolítica de corpo, práticas e desejos, faz-se cada vez mais necessário pensarmos na expansão inventiva de nosso território subjetivo como forma de resistência e criação. Tal posicionamento investe na produção de modos de subjetivação pós-identitários, mais afeitos à criação do que à reprodução. É sabido que inventar e se dispor a novos modos de ser, estar e desejar pressupõe um movimento insistente de resistência ao que nos chega pronto, e de fuga e ultrapassagem ao que tenta nos capturar. Somente assumindo essa postura inventiva/crítica/resistente, encontraremos forças e meios para lutar e desfrutar do direito às diferenças, às variações e metamorfoses micro/macro/cósmicas. É diante desse contexto de captura e docilização que recorreremos ao feminismo pós-estruturalista para pensarmos novas imagens de pensamento para afirmar outros modos de ser mulher, de viver o corpo e gestar a própria vida. Figurações pós-metafísicas e pós-identitárias de sujeito e de subjetividade que não correspondem, tampouco se encaixam, aos mecanismos de serialização subjetiva que tentam capturar a potência da diferenciação. É nessa perspectiva que iremos refletir sobre a figuração do ciborgue criada por Donna Haraway (2013). Uma figura híbrida de ligação homem-mulher-máquina/homem-mulher-mundo.

Palavras chave: subjetividade ciborgue; figurações pós-identitárias; feminismos

### INTRODUÇÃO

Realização:



Apoio:

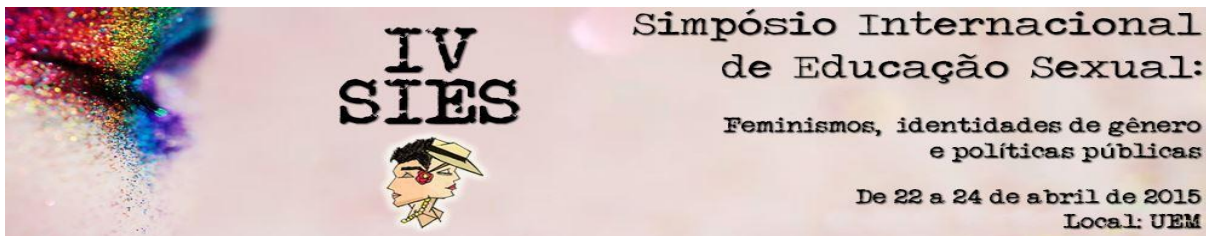


**DTP** Departamento de  
Teoria e Prática  
da Educação



Patrocínio:





A proposta desse trabalho é pensar novas imagens de pensamento para afirmar outros modos de ser mulher, de viver o corpo e gestar a própria vida. Retomando a afirmação de Beauvoir quando diz que ninguém nasce mulher, mas torna-se, Butler (2003, p. 59) acrescenta que "*mulher* é um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim. Como uma prática discursiva contínua, o termo está aberto a intervenções e re-significações".

Nesse sentido, se à mulher atribuiu-se um não-lugar irrepresentável (IRIGARAY, 1984), um lugar de subalternidade (SPIVACK, 1988) ou de outro-excluído (BEAUVOIR, 1949), por vezes enredado numa ficção biopolítica de suposta autonomia, os feminismos em geral sempre problematizaram e criaram outros espaços de expressão diante desse contexto. Nesse sentido, concordamos com Braidotti (2000, p. 70), quando diz que entende o feminismo como uma prática e um impulso criativo movidos por uma força que afirma a vida em sua diferença e multiplicidade. Por carregar a marca da exclusão e do não lugar, as mulheres, assim como outros grupos minoritários, carregam enquanto forma de existir e resistir, uma força afirmativa de vida, uma disposição para inventar e re-inventar constantemente seus territórios existenciais.

## **SOBRE AS FIGURAÇÕES PÓS-IDENTITÁRIAS**

É preciso inventar novas relações no e com o mundo, novas suavidades e contornos para o real; uma relação intensiva e potente que dê passagem às diferenças e à multiplicidade que pulsa e faz pulsar nossos territórios de vida. Nesse sentido, falamos de um posicionamento crítico que não se limita ao jogo das oposições binárias e das disputas de saber e poder. Falamos de uma crítica inventiva que incorpore a afirmação das diferenças enquanto multiplicidade possível, realizada através de um processo "activo, afirmativo, de inventar nuevas imagenes de pensamiento" (BRAIDOTTI, 2000, p. 118). É nessa perspectiva, que podemos

Realização:



Apoio:

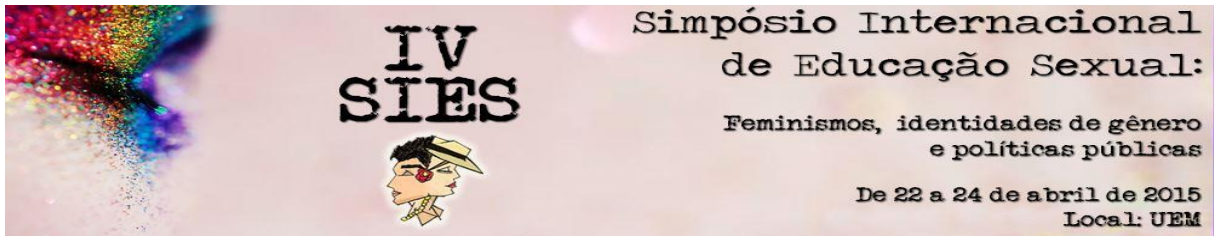


**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





pensar em algumas figurações pós-metafísicas e pós-identitárias de sujeito e de subjetividade. Figurações nômade, rizomáticas, híbridas e mestiças que não correspondem, tampouco se encaixam, aos mecanismos de serialização subjetiva que tentam capturar a potência da diferenciação. De acordo com Preciado (2011), estamos diante de um movimento de desontologização do sujeito da política sexual:

Nos anos 1990, uma nova geração emanada dos próprios movimentos identitários começou a redefinir a luta e os limites do sujeito político "feminista" e "homossexual". No plano teórico, essa ruptura inicialmente assumiu a forma de uma revisão crítica sobre o feminismo, operada pelas lésbicas e pelas pós-feministas americanas, apoiando-se sobre Foucault, Derrida e Deleuze. Reivindicando um movimento pós-feminista ou *queer*, Teresa de Lauretis, Donna Haraway, Judith Butler, Judith Halberstam (nos Estados Unidos), Marie-Hélène Bourcier (na França), mas também as lésbicas chicanas como Gloria Anzaldua ou as feministas negras como Barbara Smith e Audre Lorde, atacam a naturalização da noção de feminilidade que havia sido, inicialmente, a fonte de coesão do sujeito do feminismo. A crítica radical do sujeito unitário do feminismo, colonial, branco, proveniente da classe média alta e dessexualizado foi posta em marcha. (p. 11)

A partir dessa crítica radical do sujeito do feminismo e da filosofia ocidental, foi possível pensar a criação de novas figuras de pensamento e ferramentas conceituais para compreender e criar uma nova ideia de sujeito e de subjetividade, para tanto, Donna Haraway (2013) utilizou o termo figuração. Para a autora, pensar e criar figurações para a subjetividade contemporânea é tanto uma maneira de exercitar a imaginação para visualizar novos contornos à subjetividade, quanto uma forma de situar essa figura da subjetividade em determinado espaço-tempo social. Segundo Braidotti (2000, p.28), a criação de novas figurações para a subjetividade diz de um comprometimento radical com a tarefa de subverter as representações e perspectivas convencionais acerca da subjetividade humana.

Sem temer a desconstrução e as ambivalências de nosso tempo, os feminismos entendem que muitas das referências que nos subjetivam são excludentes e discriminatórias. É nesse contexto que a criação dessas figurações

Realização:



Apoio:

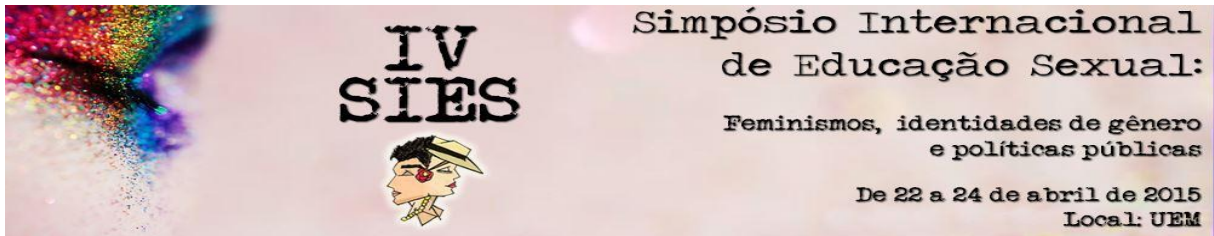


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





híbridas é uma estratégia política, epistemológica e imaginativa de abandonar as identidades fixas como um local "sedentário, que produz paixões reativas tais como ganância, paranóia, ciúme edipiano e outras formas de constipação simbólica" (BRAIDOTTI, 2002, p.13). Ainda segundo a autora, essas figurações são comuns a algumas teorias feministas que tem produzido poderosas ficções políticas para desontologizar o sujeito, como nos disse Preciado (2011), e re-figurar a mulher não enquanto outro do homem, mas como o outro em sua imensa diversidade.

Reiterando a necessidade de uma perspectiva não-naturalista que transcenda uma visão cunhada em unidades identitárias e binárias, Haraway (2013) aponta a subjetividade ciborgue como figura híbrida de ligação homem-mulher-máquina/homem-mulher-mundo. Funcionando portanto, como "uma ficção que mapeia nossa realidade social e corporal e também como um recurso imaginativo que pode sugerir alguns frutíferos acoplamentos." (p. 37). O híbrido seria uma figura pós-identitária"que desloca o sistema heteronormativo, sai dos pólos masculino e feminino e seus correlatos identitários, e lança o corpo em um território de fronteira, mais afeito à experiência que à representação.

Os ciborgues integram a passagem de uma sociedade disciplinar a uma sociedade de controle que penetra nos corpos, rompendo a pele como fronteira de separação e valorizando os fluxos as redes e as conexões. Os ciborgues, se inscrevem num contexto de avanço da biotecnologia, da nanotecnologia, da eletrônica e afins, "vivem em um mundo intimamente reestruturado por meio de relações sociais da ciência e tecnologia que estariam gerando novas formas sociais que por sua vez demandam novas formas de compreensão" (GALINDO, 2003, p.5). Ao deslocar-se das demarcações que delimitam os gêneros masculino e o feminino, o *ciborgue* lança-se em um não-lugar identitário que o provoca enquanto prática de si, visto que este sujeit@ híbrid@, de certo modo autoconheced@r de um eu-que-não-é (HARAWAY, 2013, p.55), se compõe mais por movimentos de singularização do que recorre a modelos normativos pré-existentes.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Ao invés de um sujeit@ fechado à experiência do si, os ciborgues anseiam por conexões, são simpáticos às dissonâncias e possuidores da diferença como inerência existencial. Aqui, o primado da alteridade é incorporado como dimensão ética existencial, escapando do sistema de apropriação, incorporação e totalização, que reduz o múltiplo e a diferença ao primado do mesmo e do sempre-igual. Segundo a autora, o “ciborgue é um tipo de eu - pessoal e coletivo - pós-moderno, um eu desmontado e remontado” (HARAWAY, 2013, p. 64). Desmontado no sentido da desconstrução do sujeit@ soberano e onipotente da modernidade, remontado no que concerne à construção de um sujeit@ mais autoral e próprio enquanto estética da existência.

Em processo de desterritorialização/reterritorialização, o ciborgue experiencia-se em fronteiras e não tem como correlato o amparo de atalhos morais de ação. Segue por vias de diferenciação, as abrem, as criam, viabilizando fusões potentes e a insurgência de possibilidades de vida. O primado aqui não é o da unidade cunhada sobre o território do mesmo, mas sim o da singularidade por heterogeneidades. Uma subjetividade ciborgue ganha forma via conexões e vizinhanças que podem se estabelecer parcialmente, contendo também dissensos e dessemelhanças. "Longe de assinalar uma barreira entre as pessoas e os outros seres vivos, o ciborgues assinalam um perturbador e prazerosamente estreito acoplamento entre eles" (HARAWAY, 2013, p. 40). Nessa perspectiva, abre-se caminho para conexões não-identitárias e temporárias de diferentes ordens, uma via ética-estética-política que prevê a negociação constante das partes envolvidas, a criação de linhas e territórios de vida que não tenham a reprodução de modelos como padrão existencial.

Penedo (2008) afirma que, em um contexto biopolítico, o ciborgue de Haraway se perfila enquanto identidade estratégica no sentido apontado pelos teóricos *queers*: “Em efecto, para los teóricos *queer* las identidades son siempre múltiples, o como poco, compuestas por, literalmente, um número infinito de formas em las que los ‘componentes identitários’ se pueden interrelacionar o cambiarse” (p.116). Na perspectiva ciborgue, podemos falar em uma concepção pós-identitária

Realização:



Apoio:

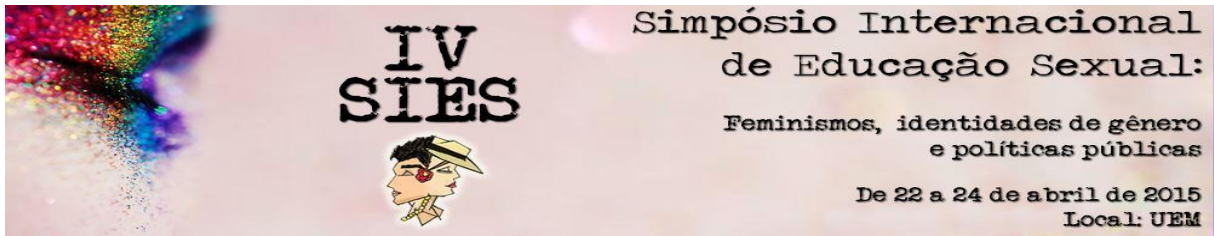


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





na qual a afinidade substitua a identidade, e a conexão seja uma fonte inesgotável de heterogeneidade. Nesse contexto, os fluxos e devires que compõem os processos de subjetivação não serão motivos de medos sobre uma possível e eminente desintegração do eu. Pelo contrário, os fluxos e devires se tornam um material inesgotável de possibilidades conectivas, fonte gerativa de formas de viver ainda sem nome, medida ou representação. O ciborgue é, portanto, uma figuração que diz de um processo intensivo, múltiplo e descontínuo de produção de subjetividade e modos de viver.

Assim, partindo de uma crítica radical do sujeito e dos modos de subjetivação na contemporaneidade que não contemplam a processualidade e o devir, aprendemos com os feminismos a visualizar novos contornos à subjetividade num exercício político e imaginativo. Não mais uma única e imutável referência identitária ou uma única forma de desejar a praticar a vida, mas sim uma pluralidade de possíveis que podem ser vestidos, travestidos e criados por cada um ao seu modo. É nessa perspectiva que podemos pensar numa possível epistemologia/estética feminista que se vale de uma força inventiva/afirmativa enquanto estratégia ética/estética/política de subversão, resistência e criação de possibilidades de vida. Estratégia essa que encontra na reapropriação do corpo/experiência/subjetividade um modo de contestar e inventar outras formas de viver.

No campo da arte contemporânea as figuras híbridas aparecem com frequência, sendo recorrentes pelo menos desde os movimentos modernistas. Esses movimentos, o cubismo por exemplo, visavam desconstruir as representações tradicionais sobre o corpo e a figura humana. Para tanto, fragmentavam e distorciam o corpo e combinavam partes humanas e inumanas na composição de figuras diversas. A ideia de um corpo puro e de um sujeito linear e dono de uma essência começava a ser abalada. Na arte contemporânea esse movimento de hibridização da percepção, das técnicas e da composição ganham destaque, se tornando quase condição de criação artística. A própria instituição arte, num sentido geral, passou a ser questionada, abalando os sistemas de exibição e de produção artística. Ao invés de regras, modelos e escolas artísticas, na arte contemporânea assistimos a

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





produção de proposições artísticas híbridas, nascidas a partir de combinações inauditas e da vizinhança entre coisas até então pensadas separadamente.

É nesse contexto que a arte ganha um tom mais social e passa a ser pensada como ação política e cultural. Sob influência principalmente dos feminismos, do movimento LGBT, do movimento negro e das lutas minoritárias em geral, o que vemos é uma politização da própria arte. A partir da década de 60, a arte contemporânea estreitou seus vínculos com discussões políticas e culturais, assumindo em seu escopo um engajamento que foram determinantes para os rumos que tomou a partir de então. Rumos que se desdobraram em várias direções; deslocando a posição do artista de criador para proponente; questionando o espaço expositivo não mais restrito à museus, galerias e instituições ligadas à arte; subvertendo o estatuto do próprio objeto de arte, agora efêmero, imaterial, ordinário; ultrapassando as barreiras que separam o objeto de arte (não mais somente para ser contemplado, mas para ser experienciado) do espectador, agora participante.

A partir das questões levantadas pelo feminismo, principalmente, a relação arte e vida ganhou outra abrangência, visto que não podemos restringir o termo vida a um grupo cultural, étnico e social determinado por uma lógica hierárquica de poder que criva quem é digno de viver e quem sequer é considerado ser vivo (neg@s, indígenas, latin@s, mulheres, pobres, pard@s, não-heterossexuais, etc.). Vale dizer, que vida é um termo amplo que contempla em sua positividade as mais variadas formas de viver, independente de cor, sexo, classe, nacionalidade e orientação sexual. Com um cunho mais político, podemos dizer que a vida e a arte em sua amplitude tanto contempla quando se propõem a produzir múltiplas formas de existência e de expressão. Nesse contexto, proposições e expressões híbridas se tornam o cerne de inúmeras proposições artísticas contemporâneas, as quais mesclam suportes, mídias, técnicas, etc.

Retomando a figura do ciborgue, cito aqui o trabalho da artista Zanele Muholi, que, usando o plástico como prótese e extensão corporal, criou figuras híbridas e estranhas que questionam o estatuto da normalidade. A artista e fotógrafa Zanele

Realização:



Apoio:



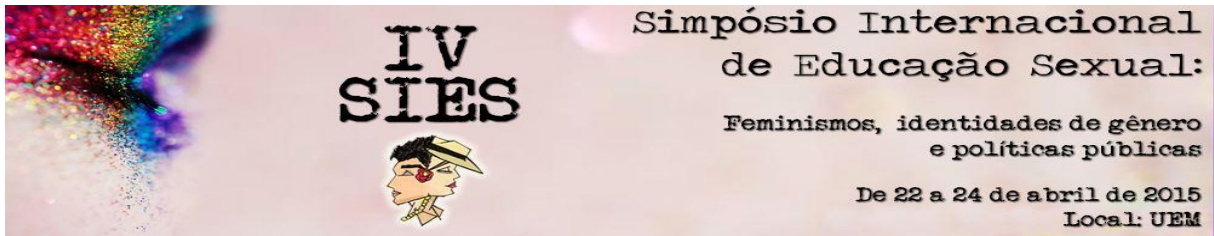
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Muholi, nasceu em 1972 na cidade de Umlazi na África do Sul. Ela ficou internacionalmente conhecida pelo seu ativismo visual que consiste em fotografar a realidade de mulheres lésbicas e da comunidade gay na África do Sul, país no qual a violência contra essas pessoas é bastante grande.



Fig, 1. Zanele Muholi, *Dress Codes séries*, 2006

Na série apresentada acima a artista transforma em vestimenta camisinhas cheias de ar e com um pouco de água. Feito isso, ela incorpora o plástico ao corpo dessas mulheres negras e lésbicas, enfatizando, de alguma maneira, o caráter de abjeção atribuído à corpos sexualmente dissidentes. As camisinhas se tornam próteses acopladas ao corpo, e pelo seu significado social ligado ao ato sexual, acaba por revelar que a sexualidade pode ser vestida de modo singular por cada pessoa. Nesse sentido, podemos dizer que a modelo veste e vive uma sexualidade singular, performatizando uma outra relação com os atributos de gênero que nos subjetivam.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:







É possível pensar que Muholi, ao criar uma figuração híbrida, nos faz refletir sobre a dimensão múltipla do corpo, da subjetividade e da sexualidade. Através de uma imagem que se mostra híbrida, ela faz vir a tona o campo das diferenças enquanto alteridade infinita. Feito isso, ela convoca um olhar ético capaz de entender expressões dissonantes sem o crivo de preconceitos morais. Por mais estranho que aquele corpo possa parecer, é um corpo belo. Uma beleza dissidente que invoca a potência do híbrido como forma de dar visibilidade a multiplicidade que habita nossos corpos e subjetividade.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*: Tradução: Sérgio Milliet. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1949.

BRAIDOTI, Rosi. *Sujetos nômades*. Paidós, Buenos Aires 2000.

\_\_\_\_\_. Diferença, Diversidade e Subjetividade Nômade. *Revista Labrys, Estudos Feministas*, nº. 1-2, Brasília: Montreal: Paris - Julho/Dezembro de 2002. Disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem> Acesso em 06 jan. 2012.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Civilização Brasileira. 1990/2003.

GALINDO, Dolores. Sobre os ciborgues como figuras de borda. *Athena Digital. Revista de Pensamiento E investigación Social*. Barcelona, Espanha: Universidade Autônoma de Barcelona, 4, 1-15. 2003.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Antropologia do ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 35-118.

IRIGARAY, L. *L'éthique de la différence sexuelle*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.

PENEDO, S L. *El Laberinto queer: La identidad en tiempos de neoliberalismo*. Barcelona: Editorial Egales, 2008.

Realização:



Apoio:



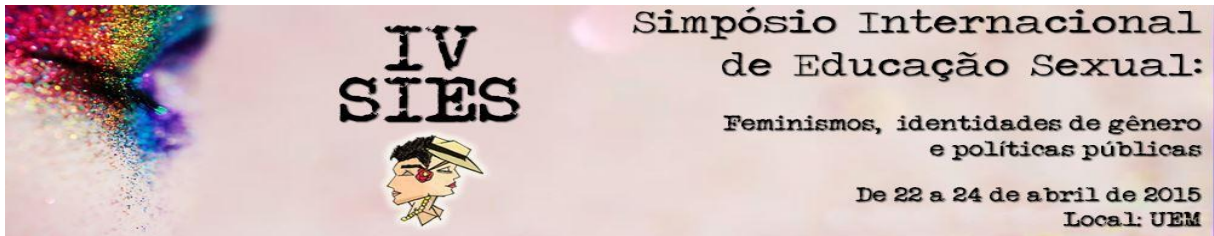
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



PRECIADO, Beatriz. "Multidões *queer*. notas para uma política dos 'anormais'". In: *Revista Estudos Feministas*, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan./abr. 2011.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the subaltern speak? In: C. Nelson, & L. Grossberg (Eds.), *Marxism and the interpretation of culture* (pp. 271-313). Illinois: University of Illinois Press, 1988.

## ABSTRACT

### THE CYBORGUE FIGURATION AS A COUNTERPOINT TO IDENTITARIAN ESSENTIALISM: THE HYBRID AS POLICY STRATEGY, EPISTEMOLOGIC AND IMAGINATIVE

Given the growing subjective serialization and of the biopolitics capture of body, practices and desires, is increasingly necessary to think about the inventive expansion of our subjective territory as a form of resistance and creation. This view invests in production of post-identity subjectivity modes, more accustomed to the creation of instead of reproduction. It is known that invent and be willing to new ways of being, living and wish assumes an insistent movement of resistance against what ourselves arrive ready, and escape and overdrive about what is trying to capture us. Only assuming this inventive / critical / resistant posture, we will find strength and means to fight and enjoy the right to differences to variations and metamorphoses. On this context of capture and socialization, we use resources of the poststructuralist feminism to think new images of thought to say other ways of being woman, of live the body and gestate their own lives. Post-metaphysical and post-identitarians figurations of subject and subjectivity that do not match, and nor fit in the mechanisms of subjective serialization that attempt to capture the power of differentiation. Is in this perspective, that we will reflect on the figuration of the cyborg created by Donna Haraway(2013). A hybrid figure of connection man-woman-machine / man-woman-world.

key words: cyborg subjectivity; post-identitarian figurations; feminisms

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:

